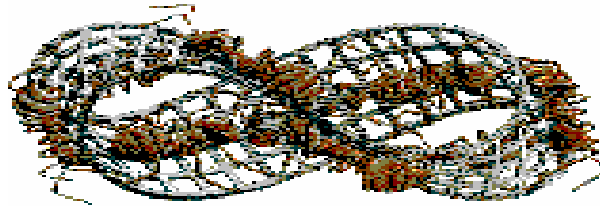


TEORIA E PRÁTICA EM HOLOMOVIMENTO¹

Maria Cândida Moraes²



A relação teoria/prática evoca, como metáfora, a imagem do anel de Moebius que inspirou M.C. Escher a representá-lo como no desenho acima. Ela constitui uma boa metáfora do movimento recursivo do chamado efeito Moebius, nome do famoso matemático que, ao redor do século XIX, descobriu como a linearidade pode, às vezes, nos enganar.

A Banda de Moebius, como metáfora, ajuda a melhor traduzir a idéia da passagem da teoria para a prática e da prática para a teoria na maestria do professor, indicando que teoria e prática integram uma totalidade, participam de uma mesma espiral do conhecimento docente e que, de modo recursivo, ambas vão entrelaçando-se na “tela” mental criada pelo nosso cérebro. Uma retornando sua ação sobre a outra numa espécie de dança recursiva e vertiginosa do pensamento e da ação. É a expressão de uma continuidade indefinida em que não sabemos onde uma começa e a outra termina. Traduz a inseparabilidade entre o sentir, o pensar e o agir, entre sujeito e objeto, entre o movimento interior e o exterior, entre o implícito e o explícito, representando a dança infinita do pensamento, do conhecimento e da ação.

Revela uma teoria que se desdobra na prática e uma prática “grávida” de teoria, que enriquece e ilumina novamente a prática, e que, em seu contínuo movimento, volta a resignificar a teoria... uma complementando a outra, uma dialogando com a outra. A teoria funciona como uma lente que permite a leitura da experiência e esta, por sua vez, ajuda a dar sentido e a formular hipóteses interpretativas da realidade. É a teoria que se desdobra e se revela na prática, que

¹ Para David Böhm: *“Holomovimento é a esfera do que é manifesto. E o que é manifesto está, por assim dizer, flutuante e abstrato no holomovimento. O movimento básico do holomovimento é o recolhimento e o desdobramento. Toda existência é, basicamente, um holomovimento que se manifesta numa forma relativamente estável.”* (1991:47)

² Maria Cândida Moraes é doutora em educação pela PUC/SP e mestre em ciências pelo Instituto de Pesquisas Espaciais, INPE/CNPq. Desde 1997, é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo) da PUC/SP. Foi consultora do Banco Mundial, da Organização dos Estados Americanos (OEA) e professora-visitante da Universidade de Barcelona. É conferencista nacional e internacional e têm diversos livros publicados, dentre eles, *O Paradigma Educacional Emergente*, em sua 10ª edição e o *Educar na biologia do amor e da solidariedade* (Editora Vozes, 2003).

se alimenta e se recolhe dentro de uma teoria mais ampla, mais profunda e mais abrangente. Esta, por sua vez, desdobra-se novamente, revelando-se, tornando-se presente numa prática renovada ou re-significada.

Esta dança interminável entre teoria e prática, esta alternância entre idéias, pensamentos e ações, entre o sentir, o pensar, o agir e o refletir, de certa forma, representaria, em pequena escala, o movimento do universo, o *holomovimento* de David Böhm (1992), a dança interminável do sentimento, do pensamento e da ação, assim como o movimento contínuo das marés, do mar de pensamento, sentimentos e conhecimentos que existe dentro de cada um de nós, dentro de nossa ordem implicada.

Teoria e prática implicam-se mutuamente e necessitam dialogar constantemente. A palavra diálogo, para David Böhm (2001), sugere a *“existência de uma corrente de significados que flui entre, dentre e através dos implicados”* (2001:30). Uma corrente de significados flui no seio de um grupo, de uma relação entre duas pessoas ou do próprio indivíduo consigo mesmo. No caso entre teoria e prática, também deveria existir uma corrente de significados fluindo na direção de uma para a outra e, nesta fruição, os processos de aprendizagem emergem, algo novo surge em relação ao conhecimento anterior. É uma corrente de significados que flui, deixando emergir algo significativo e criativo que não estava presente no início do movimento.

O diálogo entre teoria e prática revela que uma dimensão não é mais importante do que a outra, que uma não deve predominar em sua relação com a outra, para que ambas possam nutrir-se mutuamente, para que, ao final do processo, o aprendiz possa sair ganhando. O diálogo entre teoria e prática faz com que a teoria penetre na prática e a transforme. E para que o processo possa revelar-se nutridor para ambas, o diálogo entre teoria e prática exige sensibilidade, atenção dos indivíduos em relação ao que está ocorrendo, já que muitas vezes, o que acontece na prática é filtrado pelos nossos pensamentos que muitas vezes não quer ver aquilo que incomoda.

Assim, em um processo de construção do conhecimento, se observarmos com atenção, podemos perceber a existência de uma certa alternância no movimento entre teoria e prática, entre os esquemas teóricos dos professores e o que acontece na sua prática docente. Os fundamentos teóricos e a prática docente são dois processos enredados, entranhados, coniventes um com o outro, cuja regulação exige simultaneamente antecipação, ajustamento contínuo à situação e, quando necessário, revisão das estratégias utilizadas ou, então, mudança do enfoque teórico utilizado.

Na ação desenvolvida pelo docente existe um conhecimento implícito ou explícito, uma teoria implícita que se explicita, já que toda ação certamente envolve um conhecimento tácito e implícito, difícil de ser formulado verbalmente. Muitas vezes, não paramos para pensar sobre a sua existência ou não prestamos atenção à existência ou não de algum fundamento teórico em nossa prática pedagógica. Na realidade, há um conhecimento tácito que se explicita na prática e que, por sua vez, demonstra a existência de um conhecimento internalizado, muitas vezes difícil de ser verbalizado.

É um conhecimento que resulta de conhecimentos memorizados, pré-existent, um conhecimento em rede que expressa o entrelaçamento de sentimentos, emoções, desejos e afetos, ou como produto da fruição dos pensamentos que fazem parte da totalidade humana. É um ser humano, com toda a sua inteireza, que explicita o conhecimento teórico através da prática revelada nas ações e nas múltiplas conversações que o professor ou que o sujeito *aprendente* estabelece consigo mesmo, com os outros, com a cultura e o contexto.

Na realidade, dentro de cada um de nós existe um conjunto de informações que revela a nossa história de vida, da mesma forma que revela uma prática docente pré-configurada antes mesmo que o professor se coloque frente a frente com os alunos. Para Sacristán (1998), esta prática prefigurada existe porque se supõe a existência de um conjunto de nós que, historicamente, vão se juntando. Entretanto, o fato de existir esta configuração prévia não indica necessariamente uma prática docente fechada, mas pressupõe um conhecimento tácito e implícito muitas vezes não revelado.

Em nosso dia a dia, existem também conhecimentos que se desdobram nos mais diferentes diálogos, nas múltiplas conversações que estabelecemos com as diversas realidades. Tudo isto está envolto num mar de energia infinita, implicada, recolhida dentro de cada um de nós. É algo mais sutil do que a matéria densa que se materializa através das nossas ações, algo que pertence à ordem implicada do universo e que se processa no domínio da *physis*.

Apesar de reconhecermos que agimos muitas vezes por impulsos, de maneira espontânea, na realidade, sempre que agimos sobre algo, estamos, ao mesmo tempo, pensando, mesmo que de modo espontâneo, sobre o objeto de nossa ação. A integração entre o SER e o FAZER ocorre mesmo que essa ação dure poucos segundos. Isto porque o processo de pensar e o processo de fazer estão totalmente imbricados, entrelaçados, já que o indivíduo funciona de maneira sistêmica, como ensinam Maturana e Nisis (1997). Desta forma, a identidade individual é expressão de um fenômeno complexo e a identidade de qualquer sistema surge, se realiza e se conserva também de maneira complexa, no interjogo de sua corporeidade e na dinâmica relacional que se realiza em seu viver/conviver, como nos advertem Maturana e Nisis(1997).

Isto nos revela que o ser que pensa e o ser que atua é sempre uma unidade, pertence à uma dinâmica estrutural única que engloba as diferentes dimensões humanas, já que o aprendiz/aprendente é um ser vivo e constitui uma unidade dinâmica do SER e do FAZER (Maturana e Nisis, 1997). Assim, o ser que conhece, que pensa, que ama e que atua é um só, uma inteireza, um ser humano multidimensional, com diferentes potencialidades e possibilidades.

Mas, se o questionamento e a reflexão não forem metódicos ou regulares não haverá necessariamente a tomada de consciência ou a ocorrência de mudanças. Esta reflexão, quando espontânea, não transforma o docente em um ser reflexivo, nem o aprendiz num sujeito reflexivo, crítico e autônomo. Para que isto ocorra, é preciso reservar tempo e espaço para isto, para exercitar processos

de resolução de problemas, para aprender a pensar de maneira crítica, ou analisar a sua própria prática.

Também para Paulo Freire (1978), o conhecimento está dialeticamente unido à ação concreta que traduz a sua prática, gerando, assim, o que ele chama de Práxis. É a partir da palavra que emerge dessa práxis que o ser humano se transforma, se reinventa, se realiza e se liberta, já que ela, ao surgir, traz consigo, o seu poder transformador. Um poder que emerge da dialética ação-reflexão, capaz de produzir uma nova compreensão. É a ação gerada na práxis do viver/conviver que, segundo Freire (*ibid.*), produz a palavra verdadeira que denuncia a opressão e que, ao mesmo tempo, liberta e constrói uma nova sociedade.

Mediante uma prática renovada, da ação transformadora do implícito no explícito, resultante dos processos reflexivos gerados pela mente, pelas emoções, pelos processos de auto-organização é que o indivíduo se liberta da opressão, a partir da articulação dos seus processos internos e dos externos presentes na cultura e no contexto.

Ao refletir sobre a prática, algo entra em ressonância com a teoria implícita, com os seus fundamentos teóricos, com aquilo que ele já sabe, com o conhecimento construído e armazenado na memória, permitindo que ele se revele, se desdobre, se apresente e se transforme gradualmente. Ao desdobrar-se, através da práxis, muita coisa se esclarece. Mudam-se padrões estanques. Revelam-se associações escondidas e significados latentes que estavam “escondidos” na ordem implicada, mas que, de uma maneira ou de outra, influenciavam o comportamento e a conduta gerados na própria práxis. Assim, é a partir do diálogo entre teoria/prática que desenvolvemos a inteligência, o pensamento e a consciência, e, desta forma, evoluímos, não apenas como pessoas, mas como profissionais reflexivos e criativos que somos.

Por outro lado, a Teoria Autopoiética de Maturana e Varela (1995) sinaliza que uma estrutura viva que se transforma a partir de interações recorrentes entre o organismo e o meio, que se desdobra, traz consigo a estrutura que caracterizava o estágio anterior em que a organização viva se encontrava. Da mesma forma, podemos, então, inferir que no processo evolutivo humano, um estágio que se explicita, que se revela em um nível mais elevado, sempre inclui o estágio precedente, indicando que aquele que transcende não aniquila o que estava em baixo, mas o inclui como parte de si mesmo.

Assim, podemos também inferir que é através da dança do pensamento e da ação produzida no movimento dialético entre teoria/prática que o sujeito se transforma, transcende e evolui, tanto como pessoa ou como profissional, tanto como indivíduo ou como parte da sociedade, o que está de acordo com o pensamento de Freire.

E aquele que transcende, que atinge um novo estágio evolutivo, jamais voltará a ser o mesmo, em função do processo sistêmico de auto-organização que transforma a totalidade humana. Aquele que transcende, passa a incluir novos componentes em sua estrutura organizacional, levando-o a um novo estágio

evolutivo, surgido a partir da incorporação de algo novo em suas estruturas mentais e emocionais. Isto nos leva a perceber, mais facilmente, que a dança do pensamento e da ação provocada pela alternância entre teoria/prática pode nos levar a um novo patamar evolutivo, a partir de novos processos de interiorização, diferenciação, integração, reflexão e de transcendência.

Bibliografia

Böhm, D. (1991). A ordem implícita e a ordem superimplícita, In R. Weber (org), *Diálogos com cientistas e sábios: A busca da unidade*. São Paulo: Cultrix.

Böhm, D. (1992). *A totalidade e a ordem implicada: Uma nova percepção da realidade*. São Paulo: Cultrix.

Böhm, D. (2001). *Sobre el dialogo*. Barcelona: Kairós.

Böhm, D. e Peat, D. (1998). *Ciencia, orden y creatividad: Las raíces creativas de la ciencia y la vida*. Barcelona: Kairós.

Freire, P. (1978). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Maturana, H. e Nisis, S. (1997). *Formación humana y capacitación*. Santiago: Dolmen ediciones.

Maturana, H. e Varela, F. (1995). *A árvore do conhecimento*. Campinas (SP): Editorial Psy.